

SEPARATA: "NOVA ATENA CULTIVA-SE..."

Entre as múltiplas vertentes que são lema da Nova Atena, a *Inclusão da Pessoa Sénior pela Cultura e pela Arte* confere à nossa Associação a sua componente de *Universidade Sénior* conhecida e reconhecida para além da comunidade a que pertencemos e mobilizadora dos muitos associados que diariamente a frequentam.

Múltiplas são as atividades desenvolvidas sejam letivas, sejam ditas culturais, sejam de lazer ou outras.

Neste número de *A Nov'Idade* partilhamos convosco dois textos fruto dessa múltipla atividade, um no âmbito da valência *Conferências* e outro no da valência *Concursos*.

No que se refere a Conferências e afins, estas decorrem assiduamente e, pelo quanto nos oferece o texto da *Conferência* proferida pelo Professor Doutor José Barata-Moura na Lição Inaugural de Abertura do Ano Letivo 2017-2018, uma mais valia para uma *Nova Atena* que se *Cultiva*, aqui o publicamos na íntegra.

Quanto a Concursos, são internos, direcionados para qualquer associado que deseje participar, têm sido anuais, são em vários domínios e, no ano letivo findo, decorreu o primeiro para a modalidade *Conto*. O primeiro prémio foi atribuído ao trabalho apresentado pela nossa associada Maria Eduarda Galhoz que nos brindou com o delicioso *Conto* que aqui colocamos à disposição de todos.

Saboreiem connosco!



José Barata-Moura

Professor Catedrático, Universidade de Lisboa
Conferência Inaugural do Ano Letivo 2017-2018, Nova Atena

«DA CULTURA COMO CULTIVO»

1. *Intróito*

Agradeço à Universidade Sénior «Nova Atena», de Linda-a-Velha, o honroso convite para, na inauguração dos seus trabalhos anuais, proferir esta palestra.

Que – prometo – será chata, mas, porventura, não comprida.

As Universidades têm uma idade que se costuma contar por séculos. Mas o projecto que funda a razão de ser uma universidade cruza, e entrecruza, as idades. Enquanto *épocas* do acontecer histórico, e *etapas* no ciclo das nossas vidas.

O saber ocupa lugar (às vezes, não o desejável), e também tem idade. Pode estar datado, mas nunca fica pronto. Por isso se torna um processo inconcluído de buscas, que convém ir cultivando em todas as idades. Na circunstância, e no tempo, a que traz ocupação.

Os saberes são de vária ordem: quanto às porções de realidade que tomam por objecto, e quanto à forma *subjectiva* que assumem. Há saberes teóricos, experienciados, motores, afectivos também. E os saberes constituem um património, susceptível sempre de ampliação.

Ao que me dizem, «burro velho não aprende»: mas não é por ele ser «velho», é porque é «burro». E a *burrice* consiste aqui, precisamente, em deixar que morra aquela *interrogação* que dispara um *pensar*, que em *agir* se prolonga.

Na dinâmica do *saber*, palpita a chama do *perguntar*. Que de pequeninos nos ensinaram que era coisa feia de fazer, mas que nos transforma a atitude perante um mundo que não mais apenas sofremos na passiva, mesmo quando nele seja sofrimento o que na vizinhança imediata encontremos.

Questionar leva ao saber que desencadeia outros perguntares, a que respostas vão sendo dadas, e desenvolvidas noutras indagações.

E, sem darmos por isso, fomos parar ao campo da *cultura*, que não forma um reduto à parte, mas tem por horizonte de respiração o *viver*: a *qualidade* do nosso viver.

Com estas delongas e preparos, ficou montada a cena, para que a minha faladura de hoje trepe ao palco.

2. Patologias

Quando o tema da «cultura» salta ao baile, as representações ordinárias correntes parecem deixar-nos entalados entre o tango da «maçada» e a tanga do «enfeite», ou entre a chacha de uns «fiados de conversa» e o chachachá da «erudite».

Para uns, tudo o que a «cultura» cheire – sendo essas «olfações» fortemente desencorajadas – não passa de «aborrecimento» certificado, de «lengalenga» com ranço, de uma enfadonha perda de tempo que nada permite ganhar. É coisa que não se entende, nem é para entender.

Outros acham, no entanto, que uns tiques de «cultura» envernizada fornecem uns toques de distinção selecta aos discursos de ocasião, e lá citam uns versinhos de poetas que não leram, mas que algum assessor avisado segredou que ficaria bem mencionar. É a exibição em salpico de uns sinais exteriores de finura letrada, a suprir estados reais de semi-boçalidade.

E temos os paradigmas zoológicos:

Nos salões, a «cultura do gato maltês»: que martelava no piano (à patada), e arranhava uns miados de francês. Na variante «académica» pomposa, e em concursos televisados: a prestação do «papagaio», que, ante plateias embevecidas, despeja datas e nomes à pressa, para o efeito, suadamente aprendidos de cor. Regorgita-se uma cultura da «casca» para olhos e ouvidos pouco afeitos, mas poupa-se, desde logo, o palrante a uma qualquer entrega ao *sabor do saber*.

No que à cultura diz respeito, há ainda a visão fiel-depositária do *cemitério para bagagens* que ninguém reclama. Acondicionam-se os trastes na vala comum das lixeiras para o desperdício: as pertinentes secções de refugo serão oportunamente reclassificadas como «Museus», «Bibliotecas», «Arquivos», «Teatros», e outros institutos similares. Que tranquiliza imenso dizer que existem (ainda que não se saiba bem onde), mas cuja frequência (mesmo quando aconselhada) de todo se dispensa.

E importa não varrer da memória episódios tristes.

Sempre que a maleita do *obscurantismo* aperta, o tratamento da cultura segue o comprovado método da *vassourada enérgica*. Queima por atacado dos resíduos inertes em letra de fôrma (acompanhada, às vezes, de uma passagem dos respectivos autores pela brasa purificadora). Destruição em barda de monumentos (a pretexto de *fealdade* ou de *indecência*, e a benefício de ocupações mais lucrativas do solo). Inquisitorial expurgo frenético de todos os materiais «nocivos», que suvertem as mentas, transviam a imaginação, poluem os aquíferos da obediência ao poder estabelecido, e fomentam a terrível calamidade dos neoterismos (uma palavrinha que, no grego clássico, significava tanto «novamento» como «revolução»).

Em suma, historicamente, a cultura, tal como o betão, também não está a salvo de apresentar as suas patologias.

3. Culturalidade do ser humano

Mas o assunto merece talvez uma pega por outro cabo.

Porque a Cultura – no seu pulsar genuíno – tem outra voz. Levanta-se de outro *chão*. Fala-nos de um outro *exercício*, a uma outra *exercitação* nos convida.

Num determinado estádio do seu desenvolvimento, a Natureza passa a assumir também a figura do *humano*. E a Natureza *humana*, na relacionalidade intrínseca da sua condição, é, constitutivamente, uma natureza *cultural*.

Pelo gesto, que modela. Pela palavra, que modula. Pelo pensar, que *criticamente* reflecte, concebe e projecta. Pela expressão que, *artisticamente* ensaiando a paleta dos sentidos, nos põe em comum, nos comunica, outras possibilidades de sentido. Por essa despercebida, mas continuada, *invenção do quotidiano* que vamos operando: nas coisas grandes, e na miudeza do trazer-por-casa.

É em conjunto que fazemos todos, e cada um, a descoberta do mundo e da vida. Uma parte do que chamamos: a *educação*. Que não é tarefa circunscrita aos bancos da escola, mas processo que persiste na viandância.

É este colorido e plurifacetado *trabalho humano na lavrança do viver* que a Cultura espelha, interpreta, e em horizonte nos rasga ao fronteiro.

A Cultura – como erário *objectivamente* mediado (mesmo quando de «ideias» se trate) – é a *sedimentação da experiência pensada do outro*, dos *outros*. Testemunha uma vivência, e dá testemunho de um viver. Por isso, na sua frequência se aprende. Ao alargar a panóplia e o âmbito das interlocuções, a cultura devém o ingrediente de um socialidade *enriquecida*.



4. Cultivo de humanidade

Perspectivada sob este ângulo, não há cultura sem *cultivo*.

O cultivo do ser – e do nosso ser de humanos – é uma destinação de vida que em comum partilhamos, que juntos empreendemos, que nos diz *intrinsecamente* respeito. Somos seres de cultura, porque é cultivando que somos.

Este cultivo é aquele abrangente e múltimodo trabalho de inscrição do cunho da nossa humanidade no corpo devida das realidades, que assim vão ganhando figura e se vão refigurando.

É da escritura da história que a cultura fala. É na escritura da história que a cultura se forma. É pela escritura da história que a cultura se justifica.

E não estou a falar apenas daquela História maiúscula que vem nos calhamaços e nas enciclopédias. Estou a falar também da pequena história de cada um de nós. Com o passado que cada um carrega, no presente de que cada um dispõe (a seu jeito, e como pode), virado a um futuro que é feito: um afazer por fazer.

A Cultura materializa-se num acervo de obras da mais variada natureza. Mas a cultura não é simplesmente um armazém de materiais, a que de quando em vez vamos passando vistoria.

Há cultivo nas obras de cultura depositado. Mas também não há acesso à cultura sem accionamento de um cultivo por parte de quem acede.

A cultura só adquire estatuto de *vitalidade efectiva*, pelo acto *relacional* em que é colhida, desvendada, posta ao exercício de cometimentos novos.

E, na lida pensante com estes repositórios em re-configuração, ganha espessor, e dimensões acrescidas, a *plataforma subjectiva* a partir da qual o viver é enfrentado, na vectorialidade do seu ainda não acontecido.

É nesta dança – onde o viver se afeiçoza na *qualidade* que lhe esculpimos – que somos convidados a entrar:

Não como passageiros figurantes, mas como protagonistas de um destino. Que é o nosso, e do qual não abdicamos.

5.Coda

Prometi ser chato, e penso que cumpri.

Quanto ao cumprimento, talvez tenha sido um pouco exagerado na presunção.

Mas como estamos a acabar, é mais fácil que me desculpem.

Apesar dos defeitos e das complicações de filósofo ainda aprendiz (pese embora a jubilação que este ano lectivo me bate à porta), gostaria que a minha fala tivesse tido o condão de um incitamento.

Para o ser humano, o problema não é a morte. É o que da vida vamos fazendo. Saibamos dedicar a essa feitura um cuidado que enriqueça.

A vossa participação nos programas desta Universidade constitui, por si só, um indicador claro de que vos estive a contar coisas que melhor do que eu já sabeis. E que vos animam no desígnio e na determinação.

Linda-a-Velha chamou-se, «desde tempos immemoriaes» e até ao século XVIII, com algum castelhanismo à mistura: Ninha-a-Velha.

Parece uma contradição: juntar num único nome a *senectude* e a *meninez*.

Mas sem contradição, não há movimento. Nem história com vida dentro.

E, por que hão-de os mais crescidos, no tamanho e na idade, perder o gosto pela descoberta, pelas perguntas, e pela brincadeira, que fazem o encanto da criança?

Gastei o tempo, a dar-vos cabo da paciência.

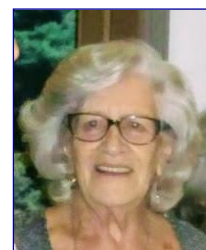
Muito obrigado, pela atenção com que me escutaram.

Lisboa, Agosto de 2017

¹ Texto de uma intervenção efectuada em 23 de Outubro de 2017, no Auditório Lurdes Norberto

² Cf. Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de PINHO LEAL, «Carnaxide». *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguzias de Portugal e de grande numero de Aldeias*, Lisboa, Livraria Editora Mattos Moreira & Companhia, 1874, vol. II, p. 111





Maria Eduarda Galhoz
Associada, Nova Atena

1.º Prémio do Primeiro Concurso: "Conto" Nova Atena

«ELSA MARIA»

A Elsa nasceu em 1969. Nada mais a propósito! A Elsa sempre adorou viver com os pés para o ar. Para ela 6 ou 9 não têm diferença. Até via televisão, deitada no chão, de barriga para o ar, e revirava os olhos para trás para ver o "écran". As visitas achavam muita graça, a mãe fervia de impaciência. E ela nem nos ouvia, estava na sua posição mais confortável.

A Elsa namorou os rapazes de quem a família não gostava muito, por diversas razões, que no final de contas não eram razões, eram embirrações.

E casou. Casou com um Manel, bem comportado mas senhor do seu nariz. Atitude imperdoável perante uma sogra que adorava dar conselhos. Que falta de educação. Nunca aceitar uma sugestão de sogra!!!

A Elsa multiplicou-se em filhotes, lindos, traquinas, arrevesados. Foram buscar o que mais se salientava em seus progenitores. Sobressai a vontade de contrariar... Ou será o direito de levar avante as suas ideias? Difícil de discernir.

Os filhotes são três, entre os 7 e os 13 anos. E a faina apresenta-se dura e cansativa. Acordá-los, prepará-los para saírem para as suas actividades, depositá-los nos lugares respectivos com os materiais necessários, tornar a reavê-los, prepará-los para as tarefas obrigatórias antes da refeição da noite e pô-los a recuperar forças para o dia seguinte.

Cada um deles sonha com um futuro que a Elsa e o Manel respeitam. E desdobram-se em cuidados e esforços para que tudo os encaminhe na boa direcção. Quem os vê no dia a dia não avalia como é difícil manter uma atitude calma, serena, como se tudo fosse fácil.

E a Elsa é mesmo uma super mulher. Vai sempre em frente, sem queixas nem maus modos. Três crianças, limpeza de casa, três crianças, tratamento de roupas, três crianças, traduções de Inglês pelo meio, três crianças, uma cadela amorosa e carente sempre pedindo mimo, três crianças, abrir camas, fechar camas, três crianças, ainda a limpeza do quintal que está sempre apresentável, três crianças, um marido (que ele não oiça porque ele até dá uma boa ajuda), três crianças, explicações variadas sobre os TPC, três crianças, uma Madrinha que se sente abandonada, saudosa, sempre à espera de uma visita... A Elsa não estica, quer dizer não pode esticar mais. Ela até deve ter saudades dos folhados de salsicha da pastelaria que fica em frente à casa da Madrinha.

A vida é dura.

Mas é a vida!

E que graça teria sem as dificuldades que nos apresenta?

Nem lhe daríamos valor.

Assim, ainda temos de agradecer aos nossos governantes a tal da Crise que nos distrai de tanta luta e nos leva a pensar em coisas interessantes como desemprego, preços a dispararem, impostos a crescerem, falta de meios para pagar ao médico e à farmácia, etc. "Estava a lembrar um artigo de Lobo Antunes e já estava a entusiasmar-me."

Estou a visionar a Elsa. Como hoje é Domingo deve andar com o marido a conduzir os filhotes aos vários clubes desportivos onde eles brilham como futebolistas ou hoquistas, etc, eu sei lá. É o descanso semanal...de pernas para o ar.



É com grande satisfação que a *A Nov'Idade* noticia a participação de três dos seus associados – a Eduarda Galhoz com "Poema sem Título", o Francisco Lourenço com "Minha Amada Sim, Minha Mulher em Mim" e o Noribal Neves com "Os Fados" – na publicação coletiva "*Entre o Sono e o Sonho*", *Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea, Tomo I e II*, Setembro 2017, dada à estampa pela *Chiado Editora*